

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço *Illustração Portugueza*—Lisboa

PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 13 DE JUNHO DE 1904

NUMERO 32



O CALENDARIO: MEZ DE JUNHO

Mez de santos populares e de caloras, de poentes lustrados, rubros e em que nos campos se
fazem as sementeiras e nas hortas as regas; começam as mondas, entram a mtejer as crias
novas.
Mez em que florescem os lyrios, lírios de ouro e de púrpura, e em que se recolhe o linho. E' con-

sagrado aos moucos, como se vê pelo seu nome que vem de *Juvenis* (juventude), e n'elle os moucos fol-
gam e tratam d'amores nas montes lindas do linho em que se festejam Santa' Antonio, S. João e S.
Pedro. Mez das rosas claras e das proceções, do Coração de Jesus e das comunhões, todo de cal-
mas e de serenidades, junho é a moridade do anno.

CHRONICA

Santo de casa...

Santo Antonio é bom o mais querido dos santos, para nós portugueses, é o mais amado talvez pela sua fama de casamenteiro, talvez por ser dos nossos compatriotas o que tem reputação universal.

E, no entanto, o beato Antonio, com toda a sua fama de milagreiro, com toda a exposição dos seus feitos, é muito natural e simplesmente um santo de casa. Elle nasceu ali na Baixa, a dois passos da Sé, foi um baírrista do sitio, fez tropelias pela cidade, levou por ali vida folgada até ao momento do arrependimento, até que voltando os olhos para o céu o achou bello para lá morar. Na sua qualidade de santo de casa não polo, pois, fazer milagros.

Comprehende-se que na sua noite, haja mais ternura nos corações, por que é uma das mais bellas do anno, comprehende-se que na excitação dos baírricos os olhos se volvam para outros olhos e que nos

sa nós aprendemos tambem a pedir desde os mais verdes annos.

Agora a policia deita a luva aos bandos de garotos que andam pelas ruas atraz dos maricheiros americanos pedindo dinheiro, agarra-os, levava-os para os ferros das prisões, para acabar com o peditorio: vae-se a ver a culpa é apenas do santo para o qual começamos a pedir em pequenos e que nos habilita a irmos pedindo pela vida fóra. Começa-se por solicitar em voz lamuriante, com um bibé e de saíntas, cinco réis para o santo e acaba-se nos bancos do poder a solicitar, das potencias um emprestimo... E' o habito, é a santa pedincha nacional, ou antes a pedincha para o santo nacional, tolerada e fazendo parte dos costumes a exerer a sua influencia nas vidas e até na nação.

Por isso Santo Antonio é o mais querido dos santos para nós portugueses.

Mas na sua noite toda de luz, toda de poesia, noite em que o nosso feitiço peninsular vem á superficie, em que a nossa alma vibra talvez pelo atavismo, talvez pelo luar, nós de bom grado pomos de lado as reflexões e vamos na onda para o mercado levando todos nos labios uma supplica, vamos cheios da ancia de pedir qual-

quercoisa, em honra do santo e em proveito nosso. E acabamos ou por supplicar um beijo d'uns labios frescos ou por pedir cinco mil réis a um amigo.

E quando não se apanha nem uma coisa nem outra, encolhe-se os hombros e diz-se então:

— Ora... E' bem certo... Os jornaes tem razão... Santo Antonio... Ora, não passa d'um santo de casa...

E elle lá no céu, no concilio dos doutos canonizados, terá um sorriso manso e de luz, e pedirá por sua vez a Deus que olhe pelos seus patricios, o pobresinho do santo de casa que nem mesmo é capaz de fazer o milagre de voltar para nós o olho da Providencia,



AS FESTAS DO QUARTO ANNO JURIDICO EM COIMBRA:
O CARRO DA MORTE NA BATALHA DAS FLORES

labios da gente moça appareçam sorrisos, que ao atravessarem o mercado entre pyras de fructos maduros de tonalidades macias, aos empurraões, no contacto das mulheres vestidas de fresco em roupas claras, venha uma ancia d'amar.

Oh! como isso se comprehende! Mas depois vem a madrugada, vem a fadiga, dorme-se e se por acaso os nossos olhos guardam uma imagem ella vae-se ante a luz do sol e ante a idéa do casamento.

Santo Antonio perdeu muito desde que os generos encarceram e que o sr. Montegazza escreveu o seu *Problema do Casamento*.

Out'ora casava-se sem reflexão, romanticamente só rez uns lindos olhos, só por umas lindas traças; agora o casamento tornou-se a coisa pratica sobre a qual se escrevem livros, e por isso Santo Antonio é mais do que nunca... um santo de casa!

Parece que já nem Padua o disputa...

No entanto é elle ainda o santo que tem mais devotos e que exerce maior influencia. Por sua cau-



AS FESTAS DO QUARTO ANNO JURIDICO EM COIMBRA:
UM CARRO ENFITEADO A PAPEL

esse olho todo de grandeza brilhante e benevolente que até mesmo se volta para as toupeiras que andam no amago da terra.

Por este mez de Santo Antonio foi julgado o cabo 115 da guarda municipal que assassinou os seus officiaes. E' mais uma vida perdida, a d'elle, vida que se vae passar nas trevas d'um carcere, quando resignadamente podia ter cumprido a pena que lhe impunham sem essa revolta, sem essa cegueira que o fez assassino.

Mas ha predestinados. Quem dizia aos infelizes officiaes que esse cabo, de regular comportamento, estudioso, faria um dia da arma da defeza da patria o instrumento de revolta contra a hierarchia?! Ha predestinados, repetimos.

Quando lhe leram a condemnação cahiu como fulminado n'uma epilepsia caracterisada, ficou por terra na pompa do tribunal que acabava de o julgar, e diante da guarda que apresentava armas!



AS FESTAS DO QUARTO ANNO JURIDICO EM COIMBRA:
ASPECTO DA PAROQUIA A BATALHA DAS FLORES

Ainda havia gente que achava pequena a pena do conselho, mas ainda havia tambem quem tivesse palavras de piedade!

Além, na sala do tribunal grave, de cerimoniaal severo, o militar soffreu muito; ainda tem mais para soffrer quando lhe arrancarem ao som dos rufos dos tambores os dois trapos vermelhos, sua insignia, e que elle defenden a tiro como um doído!

E isto passa-se quando ha risos em todas as bocas e nascem amores nos corações, isto n'esto mez em que estalam os foguetes com as alegrias e em que a festa é rija.

Uns rindo, a maioria; outros soffrendo, uma boa parte, ainda assim.

E o mundo a rolar, o calendario a decorrer apontando dias santos que são cruces nas folhinhas e que para muitos desditados tambem o são o bem custosas de levar, porque a dor n'esse dia de festa é dez vezes maior pela atmosphera de venturalheia que nos cerca.



A COUDELARIA REAL EM ALTER DO CHÃO



SANTO ANTONIO DE LISBOA, PHOTOGRAPHIA D'UM QUADRO DE COLUMBANO EXISTENTE NO MUSEU DAS JANELLAS VERDES (Phot. Fernandes)

Santo António é o mais peculiar dos santos portugueses. Tem a sua lenda e os seus devotos, uma lenda toda peninsular em que elle se mostra como o patrono dos namorados e tambem como um defensor das armas portuguezas.

No tempo da guerra peninsular, diz a lenda que o milagreiro Santo António acompanhou o regimento IV de Infantaria, apparecendo nos pontos de maiores perigos e incitando os soldados a victoria. Por esse motivo e por um decreto lavourado no tempo de D. João VI foi o Santo nomeado tenente coronel d'esse regimento e condecorado com a cruz d'ouro, algarismo n.º 3, commemorativa d'aquella guerra.

A historia do Santo e infantil, cheia d'essante, e nos serçoões vive com uma fé vaga que leva o povo a fosterjar o milagroso frade cruzado, que, nascendo em Lisboa, foi praticar os seus maiores feitos em terras d'Italia, fallecendo em Padua.

Os Italianos pretendem nacionalizar o nosso Santo, chamando-lhe Santo António de Padua e festejando-o com esse enthusiasmo que os latinos tem por tudo quanto de catholicoiro firm na tradição, mas que para este santo augmenta immenso a parte de elle ser, com S. Januario, um dos mais queridos da Italia.



SR. DR. FREDERICO BARTHOLOMEU
JUIZ APLICADOR

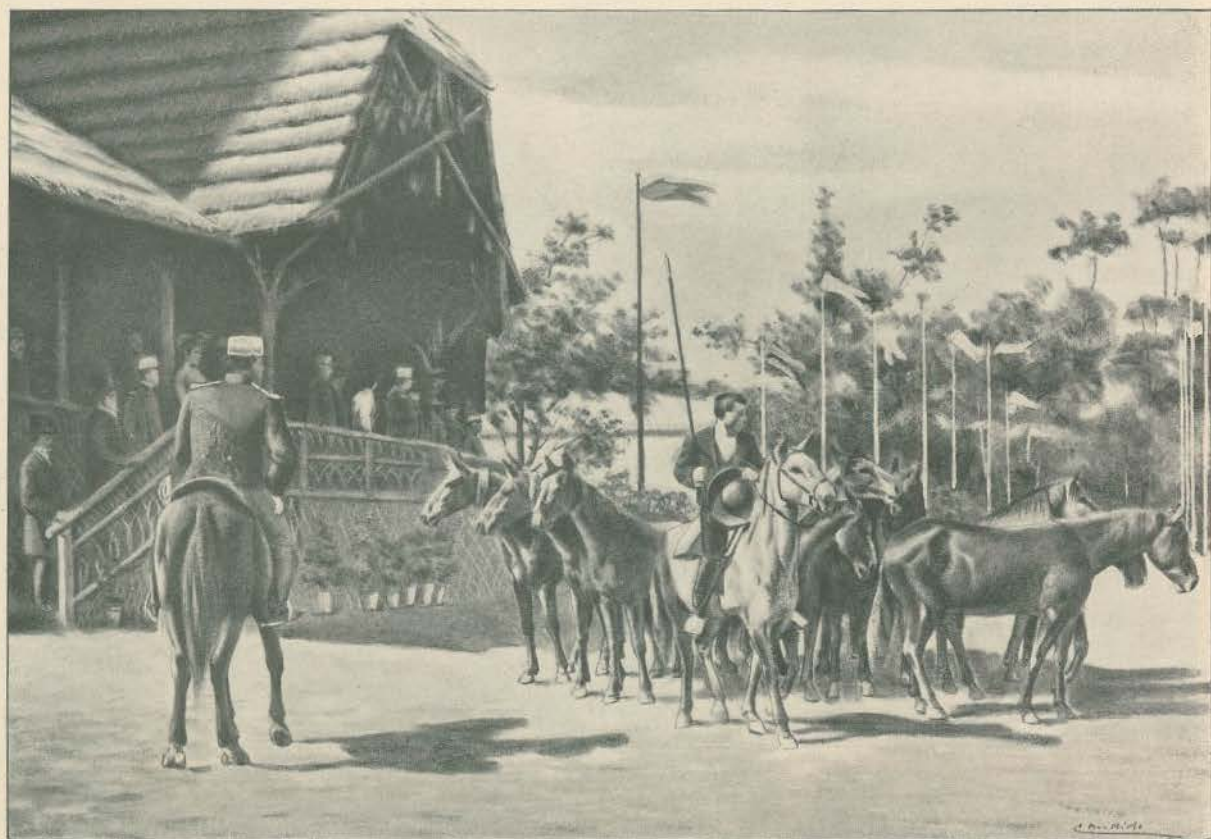


O SR. CORONEL ARDUÉS MOREIRA
PRESIDENTE DO TRIBUNAL



O REU JUNTO À MESA DO SR. CAPITÃO
PROTES DA FONSECA
SEU DEFENSOR

O JULGAMENTO DO CABO 115 DA 4.ª COMPANHIA DA GUARDA MUNICIPAL QUE ASSASSINOU DOIS OFFICIAES



A EXPOSIÇÃO HIPICA NA REAL TAPADA D'AJUDÁ:—O DESFILE DO GADO DIANTE DO PAVILHÃO REAL

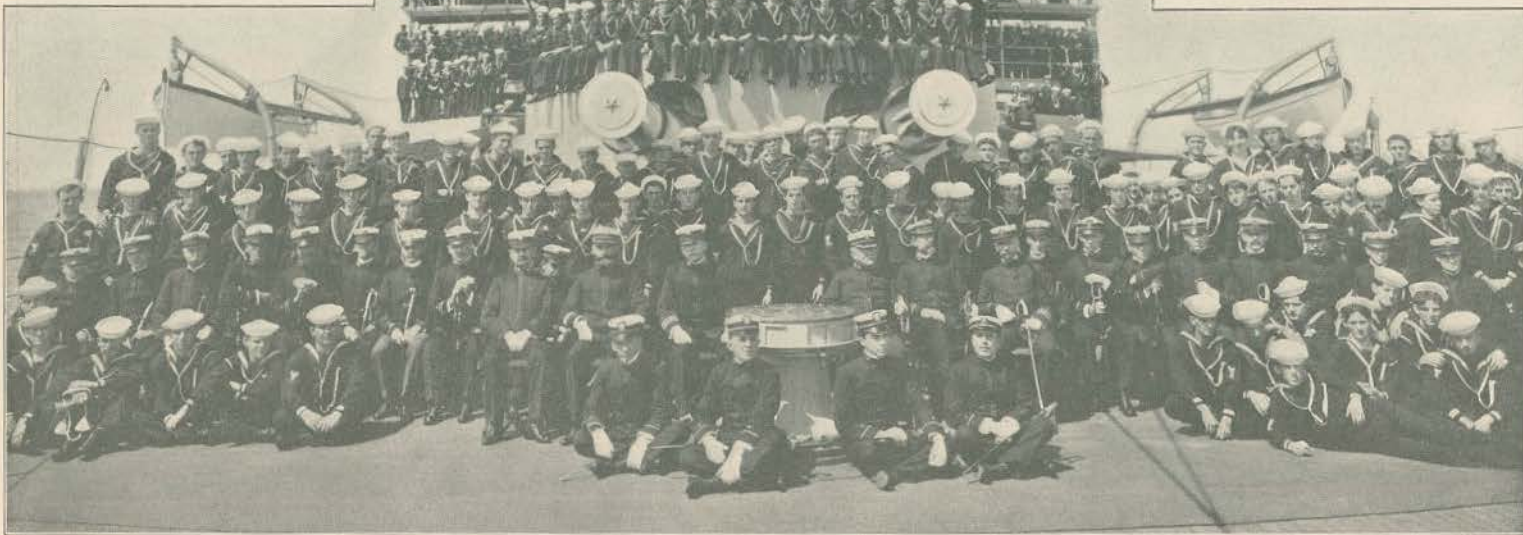


SANTO ANTONIO:—UMA RANSHADA A CAMINHO DO MERCADO NA NOITE DA VESPERA DO SANTO

Na cidade fizeram-se ranchadas que affluiram á Praça da Figueira onde os vendedores apresentavam as suas mercadorias de rumos, flores e fructas, cravos de papel e bilhentas de burro. Na luz do gaz, n'uma ballarria ensurdescedora, e pe-

vo agglomerava-se, soavam gaitas, ouviam-se ao longe guitarras tocando docemente, languidamente, n'essa vespera do mais querido Santo popular. E chegavam os ranchos, com balões acesces e com musicas, n'um cortejo de fezeria, n'um entusiasmo

extranho, chegavam mais, sempre mais, que depois se perdiam pelo Rioz nado houve ballados até ao romper do dia. Santo Antonio, bello santo de milagres e que vive no animo do povo pela tradiçao dos seus feitos, foi bem festejado como sempre



CAPITÃO DE FRAGATA JOHN BERNADOU

IMEDIATO DO «KEARSARGE»

A esquadra americana entrou no Tejo em 1 de junho e é composta pelos cruzadores *Kearsarge* (navio almirante) *Alabama* e *Maine*. O almirante da esquadra é o Comodoro Bache e os comandantes dos navios são: Raynaldo Rodgers do *Kearsarge*, Charles Davis do *Alabama* e capitão Eugene do *Maine*. O último navio da esquadra, o cruzador *Jorn*, só chegou ao nosso porto em 11

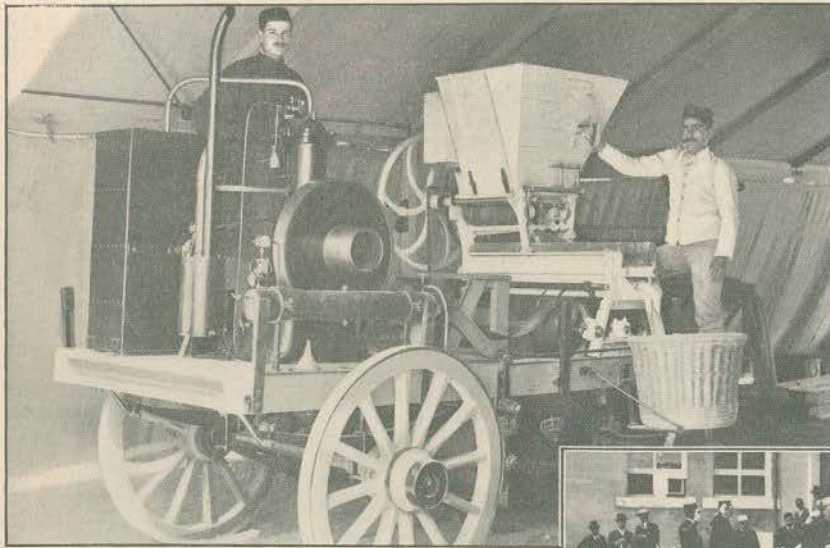
A ESQUADRA NORTE AMERICANA—A TRIPULAÇÃO DO «KEARSARGE»

de junho, não vindo como estava anunciado os cruzadores *Missouri*, *Olympia*, *Baltimore*, *Brooklyn* e *Cleveland*, os quais se dirigiram para o Mediterrâneo a juicarem-se nos outros navios americanos que se encontram nas costas de Marrocos em virtude do conflito Predicaris, que vai ser resolvido pelas potências. Os srs. Predicaris e Valley, subditos americanos, estão prisioneiros do bandido

CAPITÃO DE MAR E GUERRA RAYMOND RODGERS

O COMENDANTE DO «KEARSARGE»

marroquino Bataili, o qual não os entrega sendo a troca de 14500 libras. Tendo sido dirigida uma reclamação diplomática ao sultão, aguarda-se a resposta para se rompem as hostilidades e, por isso, aqueles navios americanos, que deviam entrar no nosso porto, foram fundear nas costas de Marrocos, ficando nas nossas águas apenas os quatro barcos da esquadra cujos nomes acima publicamos.



O NOVO QUARTEL DA MANUTENÇÃO MILITAR

A AMASSADEIRA—OS FORNOS SUBTERRANEOS—S. M. EL-REI SAINDO DO EDIFÍCIO PARA O ACAMPAMENTO—O ACAMPAMENTO DOS FORNOS—A ENTRADA DO NOVO QUARTEL

O novo quartel da companhia de subsistência fica em face do edificio da Manutenção Militar, ao Beato, e é uma instalação de primeira ordem com todos os aperfeiçoamentos modernos. S. M. el-rei visitou todas as dependencias do novo

quartel e esteve observando demoradamente alguns dos engenhos de fabrico bem como os fornos subterraneos para o cozimento do pão usados em campanha. O aparelho onde se amassa a farinha é na verdade bastante engenhoso e mereceu as atten-

ções do regio visitante, que de seguida se dirigiu a outras dependencias do novo quartel, entrando tambem na Manutenção Militar, onde se demorou algum tempo, sendo sempre acompanhado pelo sr. coronel Jacintho Parreira, director da Manutenção.



OS BAILADOS NO ROCIO EM VESPERA DE SANTO ANTONIO

É sobretudo a colônia ovarina que a essa noite tradicional de festa a Santo Antonio, faz os bailados no Rocio, como a uma bella evocação dos tempos em que fraternisaram, sobressa o povo pelas praças publicas em homenagem aos santos da sua adoração.

Rapazes e moçoilas juntam-se além na grande praça, e ao som das violas levantam caotigas que por vezes são improvisos brillhantes, dançam entre os curiosos enquanto os carros, passam luminosos e atulhados de passageiros que vão tambem folgar.

A dois passos fica o mercado, onde são expostas as frutas, ramos de fractas que na madrugada da tem desaparecido. Na Avenida, junto ao monumento, tambem houve bailadas e descantos até que a madrugada

vein fazer dispersar os bandos extenuados por essa noite de folia em honra ao mais milagroso e ao mais popular dos santos, aquelle que é de todos o mais portuguez, o que tem uma lenda cheia de infantil poesia.



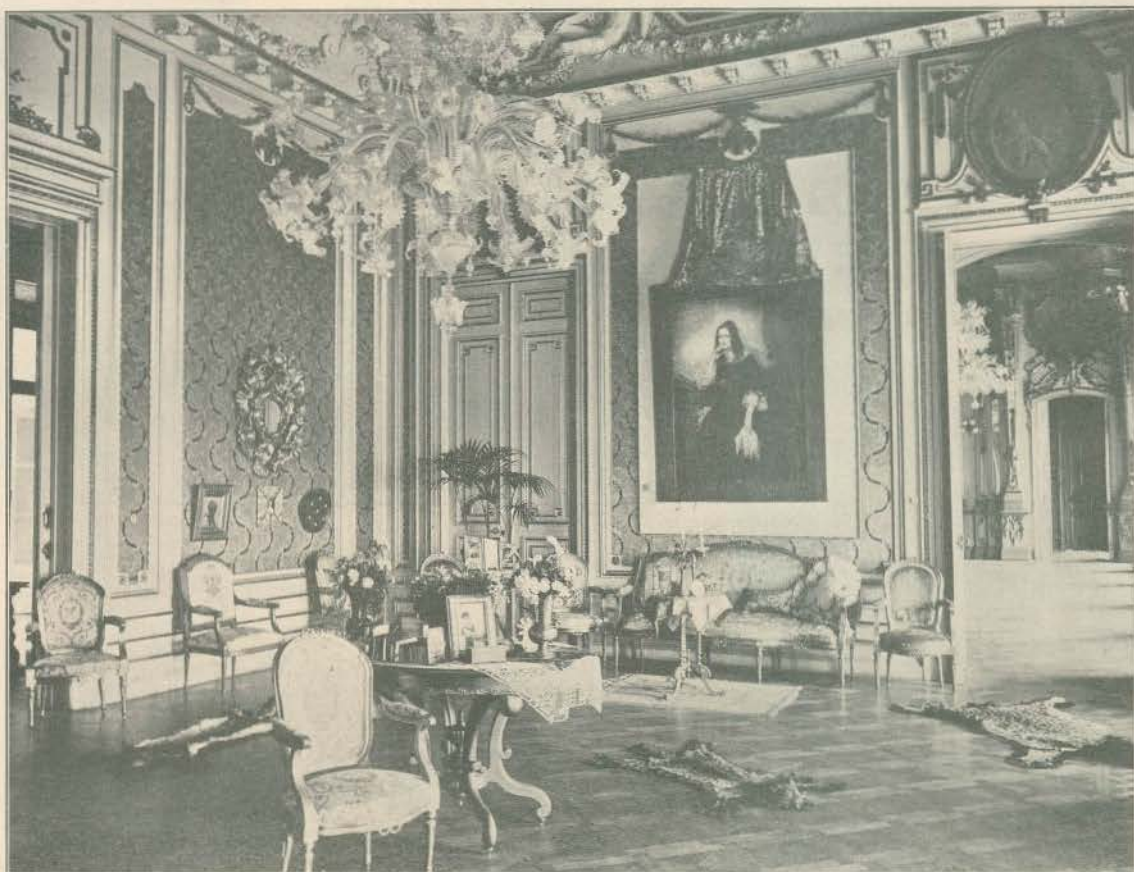
A EXPOSIÇÃO HIPICA NA REAL TAPADA DAJUDA

AS INSTALAÇÕES DO SALÃO DO SR. PALMA BLANCO—AS INSTALAÇÕES DO SALÃO DO SR. BARQUER DE CASTELHO BRANCO—A ARRIVEDADA JUNTOS AO PAVILHÃO REAL—EM GRUPO D'AMADORES

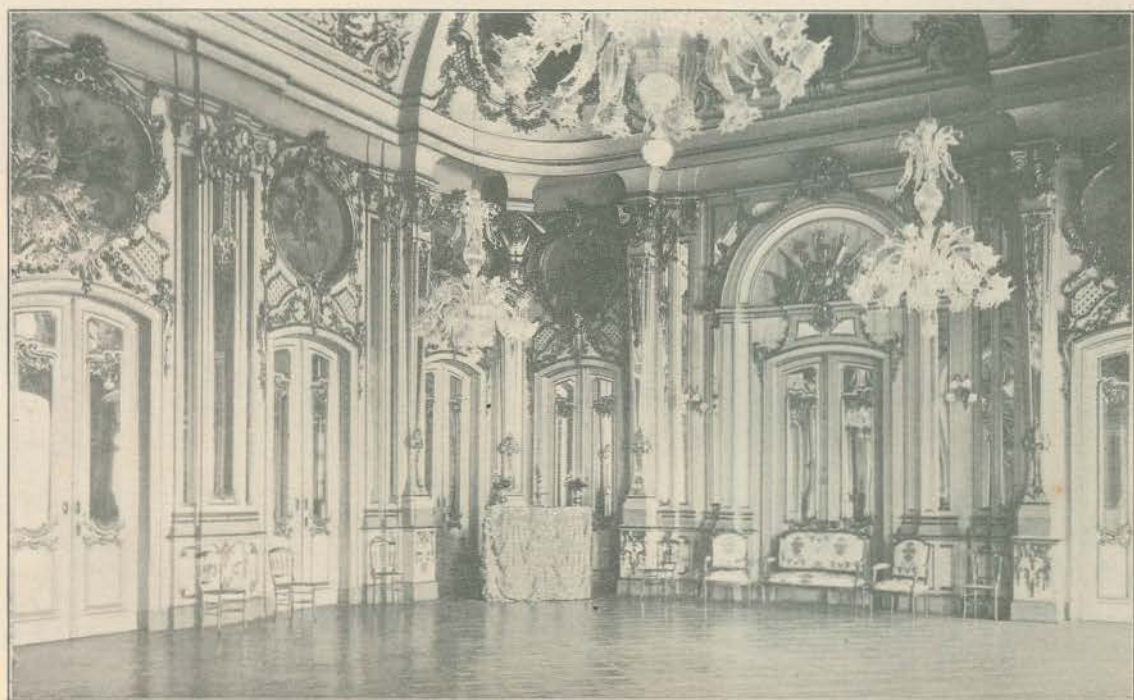
Na real Tapada d'Ajuda inaugurou-se a exposição hippica, a qual concorreu com o seu grande numero de creadores, entre elles a real esquadra d'Alentejo e do sr. Palma Blanco, Marquez de Castello Branco, Filipe Continho, etc. Apres a inauguração do salão d'arteiros houve dedicada em frente do pavilhão real,

aberto a corrida, iniciada em algumas cavallos, no placeteo da casa real, seguidas logo as competições da raça Alentejana e mais por criados barceloneses e logo o gado de sr. Palma Branco e os cavallos. Havia em oitavas que representavam as exposições de sr. Teixeira da Silva, Luiz Brito e Cunha Mendes.

O recinto da exposição e os cavallos, desmontados o pavilhão da Confederação Nacional e o da real esquadra, com todo respeito se foram occupados d'outras raças que concorreram ao certame.



A SALA SOBRE DA LEGAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA EM LISBOA



A SALA DE BAILE NA LEGAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA EM LISBOA



OS OFFICIAES QUE TOMARÃO PARTE NAS OPERAÇÕES DO BIMBO

ALBERTO LOPES DA SILVA, COMANDANTE DO 2.º REGIMENTO DE INFANTARIA—ALBERTO ALVES PEREIRA, COMANDANTE DO 1.º REGIMENTO DE INFANTARIA—FERREIRO FERREIRO FERREIRO, COMANDANTE DO REGIMENTO DE ARTILLARIA—ANTONIO DOMINGOS DE SAUS, COMANDANTE DA POLICIA—DR. JOSE SALGADO, MEDICO DA POLICIA—ALBERTO O. FERREIRO FERREIRO, AGENTE DA POLICIA—ALBERTO FERREIRO FERREIRO, COMANDANTE DA POLICIA—ALBERTO FERREIRO FERREIRO, COMANDANTE DO 2.º REGIMENTO.

FRANÇOIS HENRI DE LAURENCE
RETRATO ESCULTORAL POR ESTATUETA DE AL. VIEIRA DE SAUS
COLLECCAO DO MUSEU D'ARTILLARIA



FRANÇOIS DE SÁ
RETRATO DE ESTATUA DE SAUS



O CAPITÃO DE MAR E GUERRA DR. JOSE
CESÁRIO DA SILVA
COMANDANTE DA ESCOLA NAVAL



O CAPITÃO DE FRAGATA SR. CELESTINO
SOARES
RETRATO DE ESTATUA DE SAUS



UMA VIAGEM EM AUTOMOVEL DE PARIS A LISBOA



A VISITA DO SR. CONSELHEIRO CAMPOS HENRIQUES
À QUINTA D'AVELLEDA (PENAFIEL)
O SR. MINISTRO COM O SR. GOVERNADOR CIVIL ADOLPHO
PIRENEZ E A COMITIVA

O sr. António d'Aveller Laagraher, coronel comandante da 24.ª brigada da guarda nacional lisboitense, que fez a viagem em automovel de Paris a Lisboa, tendo saído d'aquella capital em 27 de maio as 8 horas da tarde e chegando a Valença de T. duas da noite de 1 de junho.

(Cliché de sr. Victorino de Mello)



A GUERRA RUSSO-JAPONÊZA:—A BATALHA DE SHIHOE. (Segundo um croqui.)

Essa batalha foi das mais extraordinárias da guerra russo-japonêza. Os relatórios são bem explícitos e mostram bem a importância do ataque.
 A terceira divisão japonesa, passando sobre montes de cadáveres feitos pelas balas russas, n'um movimento desesperado conseguiu desalojar o inimigo. Trouxe-se então uma luta corpo a corpo na qual foi empregada a arma branca e o revolver, sendo repellidos os russos até ao mar, além das linhas de defesa.

As por da sul o pavilhão japonês firmou sobre os fortes e os russos retiram desordenadamente para Porto Arthur, perseguidos pelos japoneses que soltavam entusiasmados artilharia. Foram 500 cadáveres dos russos no campo e foi aprisionada muita artilharia.
 Mais, uma vez o general Oku mostrou a sua superioridade e mais uma victoria dos amarelos veio assinalar essa guerra que tanto preocupa a Europa.



DOIS SOBERBOS MOÇOS SHEIKS ÁRABES LAM À VANTAGE NA FRENTE

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Tudo isso se passou indo nós já para além de Bethânia, aldeia situada a uma hora de Jersalem. Ahí nos demorámos e vimos a sepultura de Lazaro. Eu antes quizera viver lá do que em qualquer casa da cidade. Também nos mostraram uma grande «Fonte de Lazaro», e no centro da aldeia a sua casa de habitação. Lazaro parece ter sido um homem abastado. As londas que se contam na escola fazem-lhe grande injustiça; dão-nos a impressão de que elle era pobre. D'onde provém a confusão de Lazaro não ter outro merecimento senão a sua virtude, e a virtude nunca foi tão respeitavel como o dinheiro. A casa de Lazaro tem tres andares, de cantaria, mas o entulho accumulado de seculos tem-nos enterrado, excepto o andar superior. Pegámos em velas e desocimos aos tristes repartimentos, semelhantes a cellas, onde Jesus se sentou á mesa com Martha e Maria, e convertemos com ellas a respeito do seu irmão. Não pudemos ver esses velhos e obscuros aposentos sem um interesse mais que vulgar.

Do alto de uma montanha vimos de relance o Mar Morto, semelhante a um broquel azul na planície do Jordão, e agora desolamos por um desfiladeiro arido e deserto, onde nenhuma creatura poderia gozar a existencia, se se fosse, talvez, uma salamandra. Que medonha, repellente e horrivel solidão! Era o «deserto» em que S. João prégou, com a pelle de camello ás costas — vestuario sufficiente — mas ninguém dirá que elle aqui ponde apanhar gafanhotos e mel silvestre — e uma congregação ainda menos. E cheios de odio iamnos andando por

esses logares, todos nós na retaguarda. Os nossos guardas — dois soberbos moços sheiks árabes, com uma cargação de espadas, espingardas, pistolas e adagas na cinta — iam á vontade na frente.

-BEDUINOS-

Todos estremeeceram a se oncolharom. O meu primeiro impulso foi caminhar para a frente e destruir os beduinos. E o meu segundo impulso foi ir para a retaguarda e ver se alguém tomava a mesma direcção. Segui o segundo impulso e todos fizeram como eu. Se alguns beduinos se acercassem de nós então, teriam pago caro o seu atrevidimento. Todos fizemos essa observação depois. Teria havido scenas de desordem e derramamento de sangue que nenhuma pena poderia descrever. Sei isso, porque cada qual contou o que teria feito, individualmente; e não podéis fazer idéa de semelhante mixto de extranhas e nunca ouvidas invenções de crendidade.

Um dos peregrinos disse que já se tinha decidido a morrer onde estava, sem ceder uma pollegada, por caso nenhum; estava disposto a esperar, com paciencia mortal, até poder contar os vergões na jaqueta do primeiro beduíno, conta-las depois, e deixa-lo. Outro queria sentar-se ali que a primeira lança chegasse á distancia de uma pollegada do seu peito, para lhe doitar a mão e a segurar. Abstenho-me de dizer o que elle faria ao beduíno que a empunhava. Só em pensar em tal me sinto arrefoecer por dentro. Outro ia tirar a pelle aos beduinos

que lhe combossem em sorte, e levaria como trophéos os filhos caivos, deixando o lar deserto. Mas o peregrino rapsodista, de olhos espantados, estava silencioso. O seu olhar brilhava com uma luz fatal, mas os labios não se moviam. Crescia a ansiedade, e faziam-lhe perguntas. Se agarrasse um beduíno, o que é que lhe faria — dava-lhe um tiro? Sorrisso com desdem e abanou a cabeça. Apunhalava-o? Outro aceno de cabeça. Esquartejava-o — esfolava-o? Mais acenos. Oh! que horror! o que lhe faria então?

—Come-lo.

Tal foi a medonha sentença que explodiu dos seus labios. O que era a grammatica para um desesperado como elle? O meu coração encheu-se de jubilo por en ter sido poupado a essas scenas de perfida carnificina. Nenhum beduíno atacaram a nossa terrível retaguarda nem a nossa frente. Os recémchegados oram apenas um reforço de árabes eslavéricos, em cumila e com as pernas nuas, mandados muito para a frente de nós para manejarem clavinas ferrozentas, dar tiros e blasemar, e seguir como lunáticos, para dispersar todos os bandos de beduinos larapicos que por acaso estivessem embuscados no caminho que levavamos. Que vergonha para brancos christãos armados viajarem sob a guarda de croaçanas taes como protecção contra os rapaces vagabundos do deserto — esses malvados sanguinarios que estão proximos a praticar um acto de desespero, o que todavia nunca o praticam. Posso tambem referir que em todo o nosso trajeto não vimos nenhum beduíno,

e que a escolta dos arabes nos foi tão necessaria como botas de couro patente ou luvas brancas de cabrito. Os beduinos que atacaram tão ferozmente as outras partidas de peregrinos foram ajustados para isso pela escolta dos arabes d'esses grupos, e tinham vindo de Jerusalem para fazer serviço temporario como beduinos. Reuniram-se todos à vista dos peregrinos, depois da batalha, tomaram *hateh* e dividiram a esportula extorquida no momento do perigo, e acompanharam depois a cavalgada no regresso para a cidade! O prejuizo resultante da escolta dos arabes é creado pelos sheiks e os beduinos de sociedade, para provelto muito, segundo se diz, e não resta duvida de que ha uma boa parte do verdadeiro n'isso.

Visitámos a fonte que o propheta Eliseu adocou (ainda agora a sua agua é doce), e onde elle permaneceu algum tempo e foi alimentado pelos corvos.

A antiga Jerico não é muito pittoresca como ruina. Quando Josué fez a volta d'ella sete vezes, ha alguns tres mil annos, e a derrubou com a sua trombeta, foi tão acabada e perfeita a sua obra que mal ficou da cidade coisa que espalhe uma sombra. E nunca mais foi levantada a maldição que se lançou contra a sua reedificação. Houve um rei que tentou fazela, tocou em pouca conta a maldição, mas foi severamente castigado pela sua presumpção. O lugar d'ella ha de sempre ficar desoccupado; e, todavia, é um dos sitios melhores para uma cidade que vimos em toda a Palestina.

As duas horas da manhã extoraram-nos da cama — outro acto de imprevista crueldade — outro esforcio do nosso drogman para tomar a dianteira a um rival. Não levava duas horas a chegar ao Jordão; todavia, estavam vestidos e a caminho antes de ninguem pensar em ver as horas que eram, de maneira que dormitámos ao ar frio da noite, e sonhámos com o lume do acampamento, camas quentes e outros confortos.

Não se trocava uma palavra. A gente não conversa, quando tem frio e se sente mal e com sono. Cabeceavam na sella, por vezes, e acordavamos em sobresalto para saber que a nossa gente tinha desaparecido na escuridão. Despertava então a energia e a attenção até que as suas linhas confusas dessem outra vez na vista. Uma vez por outra corria em voz baixa por toda a linha este aviso: «Univos! Os beduinos estão aqui embuscados por toda a parte!»

Chegámos ao famoso rio antes das quatro horas, e estava tão escura a noite que podíamos ter entrado por elle sem o ver. Alguns dos nossos estavam em má disposição de espirito. Esperámos e esperámos pela luz do dia, mas ella não chegou. Finalmente, seguimos nas trevas, e dormimos uma hora no chão, entre as moitas,

e constipámo-nos. Sahiu-nos pesado o sono, por esse motivo, mas por outro foi de vantagem, visto que nos deu a inconsciencia de aborrecidos minutos, e nos dispôs melhor para o primeiro relance do sagrado rio.

Ao primeiro alvôr da manhã todo o peregrino despiu a roupa, e airon-se à negra corrente, cantando uns versos que principiam assim:

*Sua nas margens tempestuosas
Do Jordão,
E lance um olhar ardente
Para Canaan,
Onde os meus bens estão.*

Mas não cantaram por muito tempo. A agua estava tão fria que elles foram obrigados a deixar de cantar e a sahir da agua. Ficaram então trilhando sobre a margem, e tão apouentados e amofinados que metiam dó. Porque outro sonho, outra acariaciada esperanza, tinha fallado. Haviam sempre prometido a si proprios que atravessariam o Jordão no mesmo sitio em que os israelitas o passaram quando entraram em Canaan, na volta da sua longa peregrinação no deserto. Tinham de o atravessar onde estavam collocadas as doze pedras para memoria d'esse grande acontecimento. E, quando tal fizessem, deviam figurar aos seus olhos esse numeroso exercito de peregrinos cambalhando por entre as aguas abertas, lavando a consagrada area da alliança, e saltando hosannas, e entoando canticos de accões de graças e de louvor. Cada qual tinha formado o proposito de ser o primeiro a passar o rio. Tinham, finalmente, attigido a meta das suas esperanças, mas a corrente era demasiado rapida, e a agua excessivamente fria!

Foi então que João lhes prestou um serviço. Com essa insinuante indifferença das consequencias, que é tão natural na mocidade, e tão propria de esperar igualmente, lá foi mostrar como é que se passava o Jordão, e a alegria voltou. Todos vadearam o rio e ficaram na margem opposta. Em parte nenhuma a agua dava pelos peitos. Se assim não fosse, difficilmente teriamos levado a cabo este feito, porque a força da corrente nos teria submergido, e ficaríamos exhaustos e afogados antes de chegar a terra. Vencido o principal objecto, o misero grupo somoleto sentou-se a esperar outra vez pelo sol, porque todos precisavam tanto de ver a agua como de a sentir. Era, porém, um passatempo frigidissimo. Encheram-se algumas hillas da agua do santo rio, cortaram-se algumas cammas das suas margens, e logo montámos a cavallo e partimos resolutamente com receio de morrer gelados. De sorte que vimos o Jordão muito confusamente. Os bosques de arbustos que lhe

adornavam as margens lançavam a sua sombra através das aguas do rio baixas e turbulentas (o hymno diz «tempestuosas» o que é antes um repto adulator da phantasia), e não pudemos apreciar com a vista a largura do rio. Pelo tornos vadeamos verificámos, contudo, que muitas ruas da America tem o dobro da largura do Jordão.

Veiu a luz do dia, pouco depois de nos termos posto a caminho, e passada uma hora ou duas chegámos ao Mar Morto. Nada havia no espalhado e ardente deserto que o circumda, excepto hervas parasitas, e dizem os pastas que a macê do Mar Morto é bella de ver, mas desfaz-se em cinzas e pó, quando a partimos. As que encontrámos não eram bouitas, sim amargas. Não se tornaram em pó. Talvez fosse por não estarem ainda maduras.

Metto dor ver o deserto e os montes esteiros a brilharem ao sol em volta do Mar Morto, pois nem sobre elle nem tão pouco em suas praias ha qualquer coisa agradável ou uma creatura viva que regale os olhos. É uma solidão abrazadora, arida e repellente, na qual reina um silencio deprimente para o espirito. Faz a gente pensar em funeras e na morte.

O Mar Morto é pequeno. As suas aguas são muito limpidas, tem muitos seixos no fundo, e é baixo até uma certa distancia da praia. Dá muito asphalto, do qual se vêem pedacões espalhados na praia, o que é causa de haver allí um cheiro desagradavel.

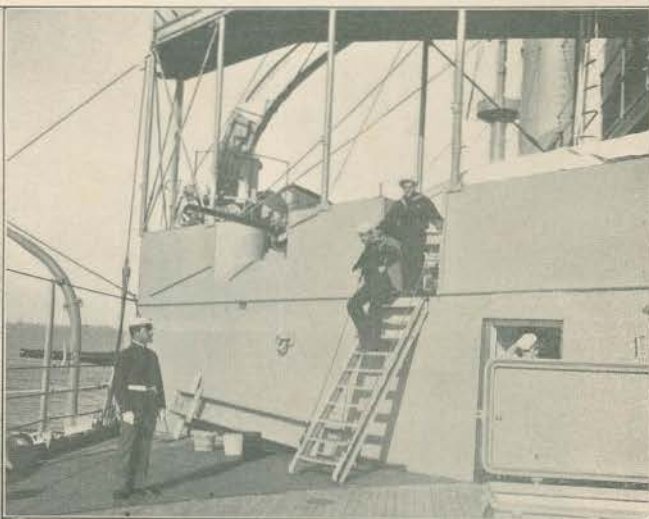
Todas as nossas leituras nos preveniram de que devíamos evitar no primeiro mergulho no Mar Morto experimentarmos grande incommodo — sentir o corpo como que subitamente atravessado por milhares de agulhas em brazas; a terribel picadura duraria horas; podíamos até ver-nos queimados da cabeça até os pés e penar tristemente por espaço de muitos dias. Mas que desengan! Nos oito saltámos para dentro da agua ao mesmo tempo que outro grupo de peregrinos fazia outro tanto, e ninguém gritou uma vez só. Nenhum d'elles se queixou de outra coisa senão de uma ligeira sensação de picar em lugares onde a pelle estava friccionada, e só por curto tempo. O rosto é que me doeu durante algumas horas, o que foi em parte devido a to-la muito queimado de sol, enquanto me banhava, e tanto me demorei que fiquei com elle empastado de sal.

FOLHETIM N.º 31

(Continúa.)



A ESQUADRA AMERICANA: A BORDO DO «KEARSARGE»
UM GRUPO DE ARTELIHEIROS À POPA



A ESQUADRA AMERICANA: A BORDO DO «KEARSARGE»
DESCIDA PARA O CONVIZ



A ACTRIZ MARLA FALCÃO
Que faz parte da companhia dramatica que parte em 14 de junho para o Brazil



A ACTRIZ ANGELA PINTO
Que faz parte da companhia dramatica que parte em 14 de junho para o Brazil



O CURSO THEOLOGICO-JURIDICO DOS ANOS DE 1874-8, REUNIDO EM COIMBRA N'UM JANTAR DE RECORDAÇÃO

CHRONICA ELEGANTE

O mez de maio, tão florido e bello, deu lugar a algumas elegantes festas, *garden-parties*, *matinees*, corridas, tiro, em summa, occasiões propicias para exhibição de trajes claros, frescos e mimosos: uma ou outra nota tristemente sensacional impressionou durante dias o publico que se diverte e que muito propriamente,

com a instabilidade das commoções inesperadas, achou a maneira de conciliar a recordação dos que foram com a oportunidade de mais umas festas brilhantes.

O que mais se vê, o que domina superiormente a tudo é o branco. Vestidos de *manzelle* de seda, de *saie*, *blouse* elegantemente vaporoso e diaphano, *crêpe*, *taizines*, *pannos*, *cassas*, *étamines*, *voile* de lã, *organai*, *nansouk*, *piqué*, *toile*, mas sempre branco. O *plaid soleil* continua a ter especial voga, mas, como se já vul-



FIGURA 1



FIGURA 2

de jardim, touradas e espectáculos diurnos usam-se muito a blusa branca feita dos tecidos mais finos e elegantes e profundamente ornada de rendas bordadas, pregas, rufos, etc. Uma das formas mais *chics* da blusa é feita em *nansouk* ou *organai*, no genero *lingerie* com preguinhas miudissimas pespontadas, entremeios e rendas no genero *Valenciennes*. Estas blusas, posto que sejam em tecido de algodão, são altamente elegantes; a sua confecção é complicadissima e as rendas, sendo de verdadeira *Valenciennes*, são das mais apreciadas.

Acompanham estes *corsages* as saias da ultima elegancia em seda preta ou de côr, panno finissimo, *voile*, *étamine*. Completam o *ensemble* fresco da *toilette* o cinto

garisando um pouco, fazem-se agora essas saias com uma porção de *plissé* alternando com um espaço liso, feito já se vê tudo da mesma peça. Sobre essa parte lisa que forma como umas tiras alargando para baixo, applicamos *filés* de gaze ou seda em relevo, modallhões bordados a seda, ou de renda *incrustée*, guarnições de fitas, bordados de toda a especie, mas sempre branco.

Nas festas de gala, usam-se blusas de seda com fivela artistica de ouro ou prata. Nos dias mais calmosos o pescoço usa-se sem nada e a blusa é levemente *dehanerée* em quadrado, redondo ou bico. Contudo, sempre achamos mais *seguro* usar uma ligeira gravata de tulio ou gaze branca com *chou* ao lado ou atraz, a não ser que se possua um pescoço de alabastro e isso só o espelho o dirá.

Fig. 1.—*Toilette* de respeito genero segundo Imperio em *crêpe*, *setim* e rendas brancas.

Fig. 2.—Chapéu de palha d'arroz branco guardado de margaridas, tulio branco e grande *parol* preto.

Fig. 3.—Costume *tailleur* em *taizée* branco, com applicações de seda e souchel-branca. Chapéu de gaze branca com rosas brancas e veludo preto.



FIGURA 3